

de relação humana mais evoluídas, que correspondem a um reconhecimento e a um amor mais autênticos pelo outro e que, em Freud, poderiam ser encontradas no amor genital adulto. Isto porque estas formas de relação humana "constroem-se no final de um processo complicado e frágil, por uma série de mecanismos de interiorização dos instintos de posse e de destruição, que permitem dar figura humana ao outro, primitivamente objeto do desejo ou obstáculo do desejo"⁽¹⁾. Assim, diz Pagés, na psicanálise freudiana, a relação humana autêntica é ilusória, um fenômeno secundário, do qual se pode duvidar da realidade: "o outro só existe para mim como objeto perdido do desejo"⁽¹⁾. O desejo, contraditoriamente e ao mesmo tempo, é o que funda o outro e o que o encobre; o que oculta para o sujeito, a realidade do outro.

Para Pagés esta é a concepção instrumental da relação reduzida a instintos possessivos e destrutivos, impotentes para fundar o reconhecimento da realidade do outro. A relação com o outro surge, no seu fundo original, como uma negação radical da alteridade do outro.

Este é apenas um exemplo sugestivo do que trata o livro. Não cabe a este recorte discutir estas críticas, nem outras tantas feitas à psicanálise neste livro de quase quinhentas páginas. O próprio autor, sete anos depois, no prefácio à segunda edição, penitencia-se de sua acirrada crítica, afirmando mesmo que o livro foi escrito dentro de uma posição existencial ingênua, na qual o livro parece assexuado, platônico e idealista, negando, sobretudo, a questão dialética. Cabe aqui, sim, a indicação para a leitura do livro, pois considero que as perguntas e críticas ali contidas, bem como as respostas encontradas pelo autor - algumas delas até "erradas" se olharmos do ângulo psicanalítico - serão de extrema utilidade a qualquer psicanalista que se interesse por teoria da relação humana ou por teoria e técnica psicanalítica de grupos, especialmente pelos temas do narcisismo e das identificações. Talvez até para refletir e repensar as respostas que a psicanálise tem dado ou venha a dar a respeito de tais colocações. Uma forma de nos forçarmos a entrar no referencial do outro

⁽¹⁾ - Pagés, M.

para contra argumentar com posições psicanalíticas, já conhecidas ou inovadoras, de modo a bem fundamentá-las dentro de cada um de nós e dentro do corpo teórico da ciência em geral e da psicanálise em particular. Um modo de ampliar as possibilidades do psicanalista e da psicanálise, teórica e tecnicamente, saindo de nosso referencial, às vezes tão fechado que nos impede de nos entendermos mesmo entre nós.

BIBLIOGRAFIA

(1) PAGÉS, M. - "A Vida Afetiva dos Grupos: Esboço de uma teoria da relação humana" - Petrópolis - Ed. Vozes - 1982.

(2) FREUD, S. - "Psicologia de Grupo e Análise do Ego" - In Obras Completas - R.J., Imago Ed. 1976.

(3) FREUD, S. - "Sobre o Narcisismo" - In Obras Completas - R.J., Imago Ed., 1976.

MARIA LUIZA SCROSOPPI PERSICANO.
Professora do Curso: Formação em Psicanálise.

III - ARTIGOS:

"UMA ABORDAGEM FREUDIANA À COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO PSICÓTICO"

"Uma abordagem freudiana à compreensão do desenvolvimento psicótico" é o resultado de uma interação prolongada entre um foco de interesse e afinidade teórica com a realização prática do ensino da psicanálise num curso de formação. Sua intenção fundamental é traduzir uma síntese organizadora de uma das leituras freudianas possíveis, como modo de aproximação ao fenômeno psicótico.

Como síntese, o texto traz o universo teórico-conceitual freudiano em todo seu alcance metapsicológico destacando as noções de

aparelho psíquico e dinâmica pulsional na perspectiva do desenvolvimento enquanto interações intra e inter-subjetivas.

Supõe Freud (1900), que nos primórdios do desenvolvimento, a mente humana tenha passado por uma estágio funcional que se compararia ao esquema de um aparelho reflexo. Mobilizado desde a excitação sensorial, qualquer que fosse sua procedência, o aparelho psíquico daria conta de processar a descarga desta excitação ao longo de uma via motora com vistas a manter tão baixo quanto possível o nível energético.

Para tanto, as excitações produzidas por necessidades internas buscam descarga no movimento como forma de expressão emocional. O bebê com fome grita e se agita impotentemente, e no entanto, sua situação permanece inalterada, já que o motivo da excitação não é momentâneo e uma mudança só pode ser efetiva quando a necessidade for atendida desde uma fonte externa adequada.

O atendimento da necessidade trará para o aparelho psíquico um registro indelével, o registro da experiência de satisfação, a qual permanecerá desde então disponível na forma de traço mnêmico.

Daí por diante o surgimento da necessidade trará um impulso a reinvestir a imagem mnêmica da vivência de satisfação. Temos aí a inscrição do desejo!

A satisfação promovida pela via da reativação do traço mnêmico da experiência de satisfação atende assim a uma modalidade alucinatória, numa tentativa do aparelho para estabelecer uma identidade perceptiva.

A inevitável falibilidade da tentativa alucinatória não dá conta portanto de resgatar a satisfação e a necessidade persiste, obrigando o aparelho a modificar-se na direção da atividade mental secundária, que virá a se desenvolver na forma do pensamento. Eis para Freud os dois caminhos da mente; um que se estabelece na tentativa de reativar o traço mnêmico da experiência de satisfação, modelo chamado de regressivo. No

outro modelo estaria em curso a perscrutação da realidade para distinguir nela a verdadeira fonte de satisfação.

Nesta direção de desenvolvimento, a mente humana teria portanto que se adequar às condições da realidade buscando uma verdadeira identidade de percepção e ao mesmo tempo, reprimindo o impulso a reinvestir o traço mnêmico que promoveria a satisfação alucinada.

O que foi dito até aqui nos conduz a uma conclusão que poderia ser expressa na afirmação de que o aparelho mental se orienta na direção do prazer e se afasta da tensão causadora do desprazer. Para integrar a realidade, no entanto, a consciência, que havia sido descrita como um órgão destinado à apreensão de qualidades psíquicas providas tanto do sistema sensorial periférico quanto aquelas excitações de prazer e desprazer que se registram a partir das transposições de energia no interior do aparelho, precisaria se modificar para tornar menos dependente o curso das idéias, da presença ou ausência do registro de prazer.

A meu ver, chegado esse ponto da descrição das experiências psíquicas primordiais, cabe compreender e integrar teoricamente os movimentos estruturantes da mente como a concebeu Freud (1900). O início dessa estruturação, que seria a grande modificação no modelo assemelhado ao "arco reflexo", se daria através da repressão primária, ou seja a primeira interdição à realização imediata do desejo.

Revela-se nesse momento o respeito à necessidade de sobreviver que inclui e fomenta o desenvolvimento do teste da realidade como caminho de integração para os recursos do processo secundário único, aliás, capaz de continuar a garantir a consecução do prazer, ainda que postergado!

Gostaria de avançar um pouco mais procurando resumir o que define processo primário e processo secundário, caracterizando respectivamente o modo de funcionar do sistema inconsciente e do sistema pré-consciente-consciente. No processo primário, como fica claro na satisfação

alucinatória do desejo, as intensidades energéticas são muito mais móveis, perseguem a identidade de percepção e admitem modos de operação como o deslocamento e a condensação. Incluem-se ainda como características do funcionamento do processo primário, a condição de intemporalidade e finalmente acrescentaria o fato de que todo esse arranjo de disponibilidades mentais está a serviço do princípio de prazer.

O processo secundário, por sua vez, está a serviço do princípio de realidade e voltado portanto à consecução da integração crescente da realidade externa em oposição ao que acontecia no processo primário quando a alucinação do desejo tinha primazia sobre o teste de realidade.

Nesta passagem do processo primário ao secundário gostaria de incluir outra das contribuições freudianas para a compreensão da mente humana. Com as noções de representação de coisa e representação de palavra temos caracterizados dois modos de inscrição ou registros mentais. A representação de coisa, predominantemente visual é ligada topicamente ao inconsciente e a representação da palavra, por sua vez, predominantemente acústica na sua derivação dos restos verbais, estaria disponível no sistema pré-consciente.

Na vigência do processo primário eram as representações de coisa que se reinvestiam alucinatoriamente na tentativa de obter a vivência de satisfação. No processo secundário a energia não circula com a mesma mobilidade; as representações de palavra estão constantemente investidas, mas por uma intensidade energética menor. deslocam-se pequenas cotas de energia no processo associativo das representações de palavra que configura o ato psíquico experimental do pensar - e oportunamente, na conveniência adaptativa do indivíduo, poderá ou não se transformar em ação mediante a obtenção de uma identidade de pensamento.

Freud (1915) afirma que mesmo as representações de palavra podem ser investidas alucinatoriamente como as representações de coisa. Isso pode acontecer dentro de uma situação regressiva: em condições normais como no sono

onde se produz o sonho ou em condições patológicas como na psicose esquizofrênica.

Como modelo estrutural da segunda tópica foi possível a Freud (1923) repensar e recolocar situações de dinâmica mental que aqui, gostaria de utilizar com o interesse específico de ampliar a visão do acontecimento mental nas psicoses.

As noções de ego, id e superego tal como foram definidas, podem nos permitir uma nova cena de conflito psíquico. Uma cena onde o ego em sua relação essencial com o processo secundário não exclui a existência de situações relativas a processo primário no que toca à mobilização de suas atitudes defensivas inconscientes. O id, grande reservatório das pulsões, onde se situam as dotações herdadas da personalidade e o reprimido nunca comunicável diretamente ao ego. Lugar da ausência da palavra, lugar da coisa em si, do indivisível! O superego, instância crítica e vigilante, modelo oferecido ao ego na forma de um ideal. Herança das identificações parentais como saída de um momento estruturante da mente, onde o temor da castração fez capitular a atitude narcisista de um ego ideal. Onde havia o ego ideal, surgiu o ego da interdição, da aceitação da lei, que persegue e é perseguido pelo ideal do ego.

Freud (1924) nos fala da psicose como resultado de um intenso conflito mental que se configura a partir do abandono pelo ego dos ditames da realidade em nome dos apelos impulsivos do id. Diferentemente do que acontece na neurose, quando o ego, através da repressão, interdita a realização do desejo com quanto não seja na forma de uma solução de compromisso, ou seja, como parte componente do sintoma neurótico.

A compreensão da patologia psicótica não estaria suficientemente explorada sem a inclusão da evolução da dinâmica pulsional na perspectiva do desenvolvimento egóico.

Como é sabido, a teoria da pulsões na obra de Freud passa por vários momentos diferentes, que no entanto incluem sempre um ponto de vista dualístico. A princípio, a oposição se faz entre pulsões libidinais e pulsões de autoconservação; mais tarde, a partir de 1910, entre pulsões

libidinais e pulsões do ego; até chegar, em 1920, a sua formulação final quando opõe pulsão de vida à pulsão de morte.

Sobre esta evolução da teoria das pulsões haveria muito o que especificar e detalhar, mas me permito aqui fazer uma escolha e usá-la para me aproximar do tema das psicoses. Isto posto, será necessário incluir na descrição feita há pouco, a relação do ego com as pulsões de vida e morte.

Na verdade todo o caminho descrito desde o processo primário até o processo secundário envolvendo princípio de prazer e princípio de realidade está matizado pela demanda das pulsões e a demanda da realidade.

Cada uma das estruturas mentais (id, ego e superego), tem uma situação muito específica na configuração mental, dependendo exatamente da maneira como se relaciona com as pulsões e a realidade. A relação com as pulsões delimita uma área conflitiva desde sempre, na medida em que cada uma delas demanda resoluções diferentes.

As pulsões de vida incluiriam, além das pulsões sexuais, as pulsões de autoconservação e teriam como característica a tendência à sistematização e organização cada vez maior e mais complexa do organismo vivo. Já a pulsão de morte se caracterizaria por tendências exatamente opostas que imporiam ao indivíduo a busca de um estado de completa fusão onde não se experimentaria nenhuma forma de discriminação, nem mesmo a existência do desejo como brecha para um possível registro da falta. Temos aí o caldeirão das pulsões que dá conta, junto com o reprimido, de ser representado pela estrutura conceitual definida por Freud (1923) como id.

Evidentemente a relação quantitativa final das pulsões refere algo da dotação constitucional de cada indivíduo, e sem dúvida tem grande responsabilidade no amálgama pulsional através do qual o indivíduo vai se relacionar com o mundo. Naturalmente esse amálgama das pulsões que alcança o mundo externo irá, de forma inevitável, ser moldado por ele, na medida da maior ou menor adequação dos vínculos primordiais da criança, essencialmente no que se

refere à capacidade de experimentar satisfação de suas necessidades físicas e psicológicas.

A predominância da pulsão de vida no amálgama pulsional defletido para o mundo externo será um dos fatores principais a atuar como condicionador da evolução normal da mente. A situação contrária a essa será, sem dúvida, a grande facilitadora do evoluir psicótico, já que tornará especialmente difícil ao ego o acatamento do princípio de realidade forçando o ego a um extremo apego ao princípio de prazer e ao processo primário, pois o modelo de aparelho psíquico, que nessas condições se estrutura, é o mais simplificado e imediatista, na medida em que opera a descarga pulsional buscando predominantemente a identidade de percepção a partir da energia livre.

Poderíamos dizer que o princípio de realidade só pode se estabelecer quando o bebê tem garantida a introjeção da realidade por uma base libidinal consistente que possa dominar as ameaças da pulsão de morte. Ameaças que, em resumo, poderiam ser expressas como uma total impossibilidade de confiar e se relacionar com o mundo externo e com os próprios sentimentos decorrentes dessa interação.

Para compreender a estrutura da mente psicótica temos que ir além do enunciado da polarização do conflito nas formas descritas acima. Torna-se necessário entender que mecanismos estão em jogo na psicose a ponto de permitir que a relação com a realidade possa ser tão escamoteada e deturpada!

Quero fazer referência a um mecanismo de defesa que, segundo Freud (1894), estaria em ação na psicose e que estaria facultado ao ego na forma da rejeição. Na rejeição, a realidade ou parte significativa dela, não seria integrada pelo ego. A mente psicótica seguiu desde o início um caminho diferente: onde teria que estar a repressão esteve desde logo a rejeição e, portanto desde aí, não se estruturaram, como na mente que dispõe da repressão, limites adequados ao desenvolvimento de um ego capaz de mediar, através de suas funções, as demandas das pulsões e da realidade. Falo de um ego que não abriu mão do princípio de prazer, numa avassaladora concessão aos

apelos pulsionais. Um ego condenado, portanto, à materialidade sensorial da coisa em si, incapaz que é, de formar e operacionalizar representações simbólicas que pudessem lhe permitir a introjeção da realidade e dos conceitos lógicos que a norteiam.

Pior que isso, um ego isolado na sua atitude onipotente e negadora, que rejeita a percepção da dependência e a possibilidade de experimentar frustração. Por isso mesmo o contato com a realidade se torna cada vez mais impraticável restando apenas tentar modificá-la alucinando a "realidade do desejo".

Isso implica que não serão desenvolvidas, ou pelo menos, não de forma adequada, as funções egóicas que permitiriam uma verdadeira modificação da realidade. Por exemplo, a discriminação crescente dos sinais que permitem ao bebê perceber o seio saciador e procurar por ele quando se sentir necessitado. Refiro-me fundamentalmente ao desenvolvimento da percepção e do pensamento como formas do ego constituir a realidade tanto externa quanto interna, levando em consideração a acatando sua incompletude sem precisar rejeitá-la e consequentemente evoluir para a psicose.

BIBLIOGRAFIA:

- FREUD, S.. - OBRAS COMPLETAS - IMAGO Ed.,

- Manuscrito, K. - 24/01/1894.

- Neuropsicose de Defesa - Parte III, 1894.

- Projeto Para Uma Psicologia Científica, 1950 (1895): parte I - sessões 11, 15, 16, 17 E 18 - parte II - sessões : 1

- Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa - parte III (1896).

- Interpretação dos Sonhos - Cap. VII (1900).

- Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (caso Schreber), 1911.

- Formulações Sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental, 1911.

- Sobre o Narcisismo: Uma Introdução, 1914.

- Os Instintos e suas Vicissitudes, 1915.

- Repressão, 1915.

- O Inconsciente, 1915.

- Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos, 1917 (1915).

- Luto e Melancolia, 1917 (1915).

- Um Caso de Paranóia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença, 1915.

- Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, 1916 - 1917 (1915 - 1917) Conferência XXVI.

- Além do Princípio do Prazer, 1920.

- Alguns Mecanismos Neuróticos do Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo, 1922.

- O Ego e o Id, 1923.

- Neurose e Psicose, 1924 (1923).

- A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose, 1924.

- A Negativa, 1925.

- Inibição Sintoma e Angústia, 1926.

- Fetichismo, 1927.

- Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, 1933 (1932 C. Xxi).

- Esboço de Psicanálise, 1940(1938) parte III - Cap. VIII e XI.

- A Divisão do Ego no Processo de Defesa, 1938.

JOSÉ CARLOS GARCIA

Professor do Curso: Formação em Psicanálise.